



Casa
Confoto
Fototech

Depois da arrebentação... oceano

Exposição de autorretratos
do Núcleo Feminino do
Fotoclube Porto-alegrense

| Curadoria Lu Brito

**Casa
Confoto/Fototech**
22° Paraty em Foco
9 a 13 de setembro 2026

Rua Mal. Santos Dias, 139.
Paraty/RJ

Este catálogo reúne os 29 autorretratos que compõem a exposição fotográfica “Depois da arrebentação... Oceano”, realizada pelo Núcleo Feminino do Fotoclube Porto-alegrense, sob curadoria de Lu Brito.

Apresentada durante o Festival Paraty em Foco, de 9 a 14 de setembro de 2026, na Casa Confoto/Fototech, a exposição convida ao desafio. Entre a força das águas e a abertura do oceano, cada imagem afirma a possibilidade de permanecer, reinventar-se e seguir.

Que estas páginas prolonguem esse movimento, permitindo que cada imagem encontre outros olhares e continue reverberando.

Nossa gratidão à Confoto e à Fototech, por acreditar e valorizar o nosso trabalho e pelo investimento que tornou este projeto possível.

À Lu Brito, agradecemos a escuta atenta, a delicadeza do olhar e a presença generosa que acompanhou esta travessia. Sua orientação ampliou horizontes sem apagar singularidades, acolhendo força e diversidade.

Coordenadoras do Núcleo Feminino

Anelise Barra Ferreira (Editora)

Bia Donelli

Kathy Esposito

Nina Pulita

Viviane Monteavaro



A **CONFOTO** e o denso oceano do feminino

Basta folhear os livros e catálogos antigos do fotoclubismo brasileiro para dar-se conta de que este grande mundo da fotografia era lugar de homem. Senhores bem vestidos, posando em frente às suas fotografias expostas, eram a tônica de 60 anos atrás.

A trajetória feminina na fotografia — como no restante deste mundo — não foi fácil e segue sem ser.

Mas não há como negar que, diante de tantos desafios, de tantos obstáculos, elas conquistaram seu espaço. Jogaram a âncora, cravaram bandeira e conquistaram nosso respeito e nossa admiração.

Percorrer os textos e imagens da exposição fotográfica *Depois da arrebentação... Oceano* compreende nadar e ser jogado de volta para a praia muitas vezes, até que, em algum momento, nós, espectadores, vencemos a arrebentação. E aí vem um oceano denso e profundo: não damos pé, apenas flutuamos na dura leveza de cada fotógrafa e nos agarramos à mão-guia da curadora Lu Brito.

A CONFOTO, nos últimos anos, vem buscando expandir horizontes, vencer fronteiras e levar o fotoclubismo brasileiro mais longe. E que prestimosa ajuda o Núcleo Feminino de Fotografia do Fotoclube Porto-alegrense nos presta.

Em parceria com a Fototech e com o apoio da OPPO, temos orgulho de apresentar esta exposição.

Fique à vontade, jogue-se na água. A praia é revolta, mas chegar ao oceano compensa.

Carlos Gandara

Presidente da CONFOTO

FOTOTECH

A Associação de Fotógrafos e Cinegrafistas Fototech acredita que a fotografia é, antes de tudo, um espaço de encontro. Encontro entre pessoas, ideias, experiências e diferentes formas de perceber e interpretar o mundo.

É com esse espírito que a Fototech tem a satisfação de apoiar a realização da exposição “Depois da arrebentação... Oceano”, do Núcleo Feminino de Fotografia do Fotoclube Porto-alegrense, durante o 22º Paraty em Foco.

Ao ceder o espaço da Casa Confoto/Fototech e estimular a realização desta exposição, reafirmamos nosso compromisso com a valorização da produção fotográfica autoral, com a democratização dos espaços de exposição e, sobretudo, com a criação de oportunidades para que as fotógrafas possam compartilhar suas histórias e seus olhares.

Para a Fototech, apoiar uma iniciativa como esta é reconhecer a força da fotografia feminina como linguagem artística e como instrumento de expressão, autonomia e transformação.

Que a Casa Confoto/Fototech possa continuar sendo um espaço aberto à fotografia, à experimentação e, principalmente, às pessoas que fazem dessa linguagem uma forma de existir e compartilhar o mundo.

Adriano Abbud
Presidente da Fototech

Mensagem do Presidente do **FOToclube PORTO-ALEGRENSE**

É com imenso orgulho e alegria que me dirijo a todas vocês, associadas do Núcleo Feminino de Fotografia do Fotoclube Porto-alegrense, para saudar esta iniciativa tão significativa e celebrar a exposição "Depois da arrebentação... Oceano", apresentada durante o 22º Paraty em Foco.

O Núcleo Feminino representa o melhor do espírito que move nosso fotoclube: a coragem de ocupar espaços, a generosidade de compartilhar saberes e a determinação de construir coletivamente novos caminhos para a fotografia brasileira.

Ver hoje 29 fotoclubistas reunidas, cada uma encontrando sua própria forma de se revelar através do autorretrato, é testemunhar a transformação que sempre acreditamos possível.

Esta exposição, que reúne diferentes experiências com o autorretrato — desde trajetórias já reconhecidas até primeiras incursões nessa linguagem —, é a prova viva de que a diversidade de percursos enriquece e amplia nosso olhar coletivo. Cada imagem exposta, cada rosto, gesto, sombra e fragmento revelado, carrega não apenas a assinatura individual de sua autora, mas também a força de um movimento que aprendeu a caminhar junto.

Agradeço especialmente à curadora Lu Brito, cuja mão-guia conduziu este trabalho com sensibilidade e competência; à Fototech e à OPPO, que apoiaram esta realização; e à CONFOTO, na pessoa de seu Presidente Carlos Gandara, pelo reconhecimento e parceria.

Mas meu agradecimento mais profundo vai a cada uma de vocês, que com dedicação e paixão fizeram do Núcleo Feminino um espaço de escuta ativa, acolhimento e transformação. Vocês não apenas produzem imagens — vocês produzem história, produzem presença, produzem futuro.

Que o oceano que vocês enfrentaram e venceram continue a inspirar novas travessias. Que a arrebentação seja sempre superada, e que vocês sigam flutuando, juntas, na densidade criativa que construíram.

Parabéns por esta conquista. O Fotoclube Porto-alegrense está e sempre estará de braços abertos para apoiar iniciativas como esta, que ampliam o compromisso do fotoclubismo com a equidade, a diversidade e a participação plena de todos os olhares.

Com admiração e gratidão,

Álvaro Bertoni Sanguinetti

Presidente do Fotoclube Porto-alegrense

Núcleo Feminino de Fotografia do Fotoclube Porto-alegrense: a valorização de todos os olhares

O Núcleo Feminino de Fotografia do Fotoclube Porto-alegrense (FCPOA) nasceu em 28 de abril de 2025, fruto de um movimento orgânico iniciado no Grupo de Estudos de Fotografia durante o ciclo “Uma Mulher Fotógrafa”, conduzido por Cerise Gomes. O que começou como um debate sobre a invisibilização histórica das mulheres na fotografia rapidamente se transformou em uma mobilização coletiva para ocupar espaços, produzir conhecimentos e imagens que expressam diferentes subjetividades.

O Núcleo consolidou-se como um espaço de escuta ativa e acolhimento, no qual a sororidade e a troca de saberes permitem que cada associada explore suas potências criativas na construção de autorretratos sem as amarras de padrões estéticos pré definidos. Nossa missão objetiva promover a visibilidade e o reconhecimento da atuação feminina, honrando a tradição do FCPOA e ampliando seu compromisso com a equidade, a diversidade e a participação das mulheres no fotoclubismo.

Para a exposição “Depois da arrebentação... oceano”, reunimos diferentes experiências com o autorretrato. Algumas integrantes do Núcleo já possuem uma trajetória reconhecida nessa linguagem; outras aceitaram o desafio de explorá-la pela primeira vez ou de maneira mais profunda. Essa diversidade de percursos ampliou o processo coletivo e nos colocou diante da imagem como autoras, matéria e presença. Cada uma das 29 fotógrafas encontraram sua própria forma de se revelar, preservar, questionar ou reconstruir. Rostos, corpos, gestos, objetos, sombras, memórias e fragmentos tornaram-se linguagens para expressar aquilo que nem sempre encontra palavras.

Chegamos a Paraty transformadas pelo caminho e pelo encontro. Não trazemos respostas definitivas sobre quem somos, mas imagens nascidas de travessias singulares que aprenderam a caminhar juntas. Ao sustentar as perguntas umas das outras, descobrimos que nenhum olhar precisa permanecer sozinho. É assim que o Núcleo ganha forma: muitas vozes, muitas experiências e uma presença coletiva que se amplia cada vez que uma mulher encontra espaço para reconhecer e afirmar a própria linguagem.

Coordenação do Núcleo Feminino de Fotografia FCPOA

Anelise Barra Ferreira
Bia Donelli,
Kathy Esposito
Nina Pulita
Viviane Monteavaro

Depois da
arrebentação...
Oceano

Depois da arrebentação... Oceano.

Desde os primórdios das civilizações, as mulheres foram ensinadas a se conter. Um comportamento aprendido e, antes disso, apreendido, de reconhecer onde termina o corpo e começa a proibição, onde se instala o limite e onde se ergue a borda. Ensinaram-nos a caber. A ocupar o mínimo. A silenciar o que transborda. Quando, na verdade, somos incontáveis histórias e momentos, camadas que nenhuma medida foi capaz de conter.

O feminino sempre foi visto como ameaça à ordem civilizatória: sempre tentação, sempre desvio, sempre algo a ser domado, corrigido, subjugado. A feminilidade tomada como sinônimo de fragilidade é construção de uma sociedade que confunde força bruta, e não apenas a física, com autonomia máxima, com valor, com produtividade. Nessa lógica, tudo o que é sensível, cíclico ou profundo foi rebaixado à condição de fraqueza. Aprendemos a desconfiar da nossa própria potência.

Aqui somos 30 mulheres: 29 artistas e uma curadora. Aqui expomos o processo de atravessar uma arrebentação, essa faixa onde a onda se quebra, onde a água se revolve e nada permanece intacto. Uma ruptura íntima e pessoal, necessária, para que enfim possamos nos entender oceano, e não lago de calmaria. Porque nos quisera lago: superfície mansa, previsível, contida entre margens. Mas há em nós profundidade, maré, corrente, força que vai e volta. As ondas que nos cercam, muitas vezes invisíveis, são a barreira aprendida e construída ao longo dos séculos, e atravessá-las é, ao mesmo tempo, dor e libertação.

O autorretrato surge aqui como ferramenta de atravessamento e de ruptura de uma ordem que nos é imposta desde antes do início de nossas histórias. Voltar a câmera para si é um gesto de reapropriação: decidir como se ver, como se mostrar, que verdade revelar. É recusar o olhar que sempre nos definiu de fora e, por um instante, ser autora e imagem, quem observa e quem é observada.

Não é um processo simples, tampouco trivial ou lúdico. A beleza deste conjunto não está na estética nem na expografia: está na entrega de cada uma. Na coragem de mergulhar em si mesma e se livrar das amarras, as impostas e as aprendidas, que muitas vezes são as mais difíceis de romper. Na coragem de olhar para dentro do próprio abismo e permanecer ali o tempo necessário para se reconhecer.

Eu, como curadora, poderia apenas observar... mas a travessia também foi minha. Não há como acompanhar tantos mergulhos sem molhar os próprios pés, sem sentir a arrebentação puxar. O que se apresenta aqui não é um ponto de chegada, e sim o instante em que a água nos devolve à superfície, respirando, inteiras, oceano.

Lu Brito
Curadoria

The background of the image is a solid teal color. Overlaid on this background are two large, concentric circles. The inner circle is a lighter shade of teal, while the outer circle is a darker shade. The text is centered within the inner circle.

Núcleo Feminino
de Fotografia
do Fotoclube
Porto-alegrense

NÚCLEO FEMININO DE FOTOGRAFIA DO FCPOA

Alê Bruny

Ana Elisabeth Nunes

Andréa Barros

Andréa Seligman

Andréia Kris

Anelise Barra Ferreira

Bia Donelli

Carmem D'Luca

Cynthia Recuero

Daniela Schilling de Almeida

Heloiza Averbuck

Jane Cassol

Joceliene Chies

Josiane Chocho

Karine Costa

Kathy Esposito

Margaret Abreu

Maria Alice Gravina

Maria Helena Guaragni

Maristela Padilha

Marlene Silva

Nina Pulita

Maria Sallet Domingues

Silvia Pozza

Sonia Rovinski

Tatiana Capaverde

Virginia Guimaraens

Viviane Monteavaro

Zulaine Santos



Casa
Confoto
Fototech

Habito as fissuras entre o caos, o silêncio,
a dor e o recomeço.
Em cada fragmento, guardo uma memória:
minha, do outro, da Terra que documento.
O espelho não me divide.
Nem me define.
Ele revela os ecos do que ainda pulsa.

Alê Bruny





Casa
Confoto
Fototech

Fragmento...

Um olhar que vê tudo,

tudo sente e

tudo absorve.

Contraste marcante...

Aquela se mostra com reservas...

Ana Elisabeth Nunes





Casa
Confoto
Fototech

A vida é para frente,
sempre em frente!

Andréa Barros





Casa
Confoto
Fototech

Dissolvo meus contornos num sutil movimento.
Meus limites se desfazem.

Os sentidos se misturam numa dança fluida, onde
habita apenas o silêncio.

Andréa Seligman

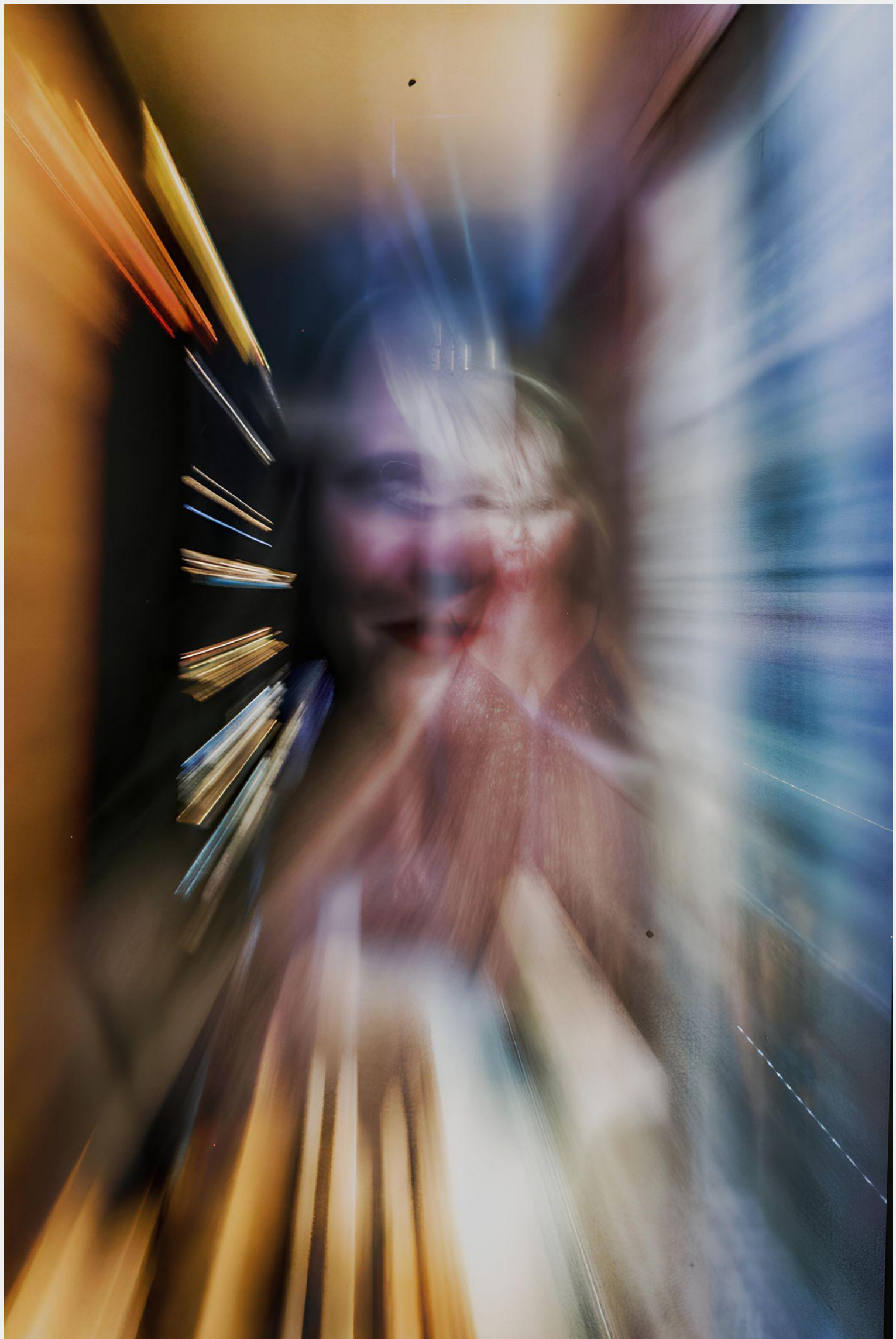




Casa
Confoto
Fototech

Depois da arrebentação,
permaneci.
Não como quem resistiu às
ondas,
mas como quem aprendeu a
ser mar.

Andréia Kris



Performance...

Encontro-me diante da câmera. Deixo-me capturar. Jogo com ela. Brinco comigo na gestação do meu autorretrato. É um ato de criação.

Algo de mim passa a existir como imagem.

Monto um fundo preto e espero a luz do dia entrar. Câmera no tripé. O foco... ou melhor, quero o movimento.

Uma música pode ajudar. Escolho um vestido que dance comigo.

Temporizador. Tempo para me mostrar diante da lente e deixar-me congelar em uma forma, em múltiplas formas.

Deixar vir o que faz parte de mim.

A cor escolhida é o vermelho: vibração, movimento, feminino.

A imagem escolhida, entre tantas, é esta, sem dúvida.

Ela pede passagem. Hoje quero ser esta. Amanhã, quem sabe.

Anelise Barra Ferreira



Há muito tempo pensava em fazer um ensaio sobre a fibromialgia, síndrome que me acompanha desde os trinta e cinco anos de idade e que, por enquanto, não tem cura. A dor da fibromialgia é uma presença constante, silenciosa e invisível. Ela não se mostra em feridas abertas, não deixa marcas aparentes, mas se infiltra em cada músculo, em cada gesto, em cada respiração.

É uma dor que não descansa, que acompanha o corpo como uma sombra persistente, tornando simples movimentos em desafios e transformando o cotidiano em uma batalha silenciosa.

O corpo pede alívio, mas o alívio raramente vem.

Os medicamentos se tornam companheiros obrigatórios, uma rotina de comprimidos que prometem controle, mas que muitas vezes trazem consigo efeitos colaterais, lembrando que cada tentativa de cura também carrega um preço. Entre caixas e frascos, instala-se o caos de uma vida que precisa ser organizada em torno da dor.

Há dias em que o sono parece refúgio, uma fuga temporária, e há outros em que nem o descanso é capaz de oferecer trégua. A fragilidade se revela em gestos pequenos: no abraço que falta, no corpo que se encolhe em busca de proteção, na vulnerabilidade exposta diante de um mundo que não vê o que acontece por dentro.

E, ainda assim, há resistência. Há força na fragilidade, há coragem em levantar-se todos os dias, mesmo quando o corpo insiste em se recolher.

A fibromialgia não define quem sofre com ela, mas marca profundamente sua jornada, revelando que viver é, muitas vezes, um ato de persistência diante da dor.

Bia Donelli





Casa
Confoto
Fototech

Autorretrato:

“ Uma ferramenta de
autoconhecimento,
transformação,
observação e
exclusividade”

Carmem D’Luca





Casa
Confoto
Fototech

Entre a névoa e o espelho,
o coração se desfaz da pressa.

Cynthia Recuero





Casa
Confoto
Fototech

Meu autorretrato reflete as diversas faces da criança que ainda habita em mim, daquela que eu já fui e que almejo que sempre me acompanhe nas alegrias e nas agruras da vida. Alegre, risonha, confiante, destemida, curiosa e feliz, características estas que devo a meus pais, que souberam, embora jovens, amar e educar uma criança de personalidade forte.

Nada mais é do que uma nova tiragem daqueles retratos antigos de quando eu tinha uns três anos, evidentemente carregando diversas facetas de uma existência que me moldaram até esta parte da jornada.

Daniela Schilling de Almeida

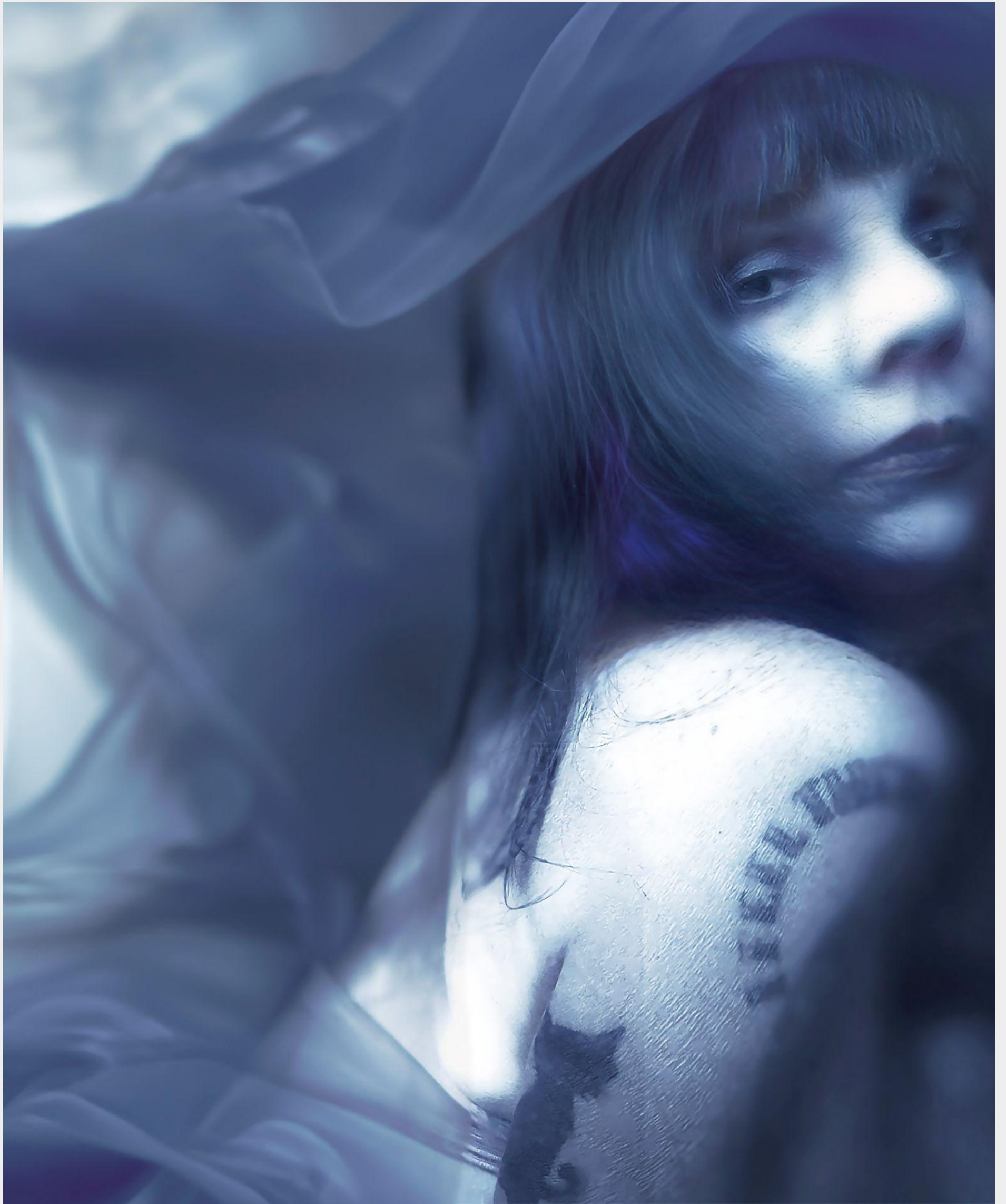




Casa
Confoto
Fototech

I FEEL THEREFORE I AM
(Sinto,logo Existo)

Heloiza Averbuck



Fazer autorretratos, para mim, nunca foi sobre o rosto,
era sobre o que eu escondia atrás dele.
Eu me fotografava como quem se protege:
um ângulo melhor, uma luz mais suave,
um cuidado quase automático de parecer... aceitável, real.

Mas, aos poucos, fui entendendo que não era isso que eu queria.
Eu não queria parecer — eu queria ser.
E então começou o processo mais difícil: tirar as máscaras que eu mesma criei.
Máscaras de quem eu achava que deveria ser.
Cada foto passou a ser menos sobre estética e mais sobre verdade.

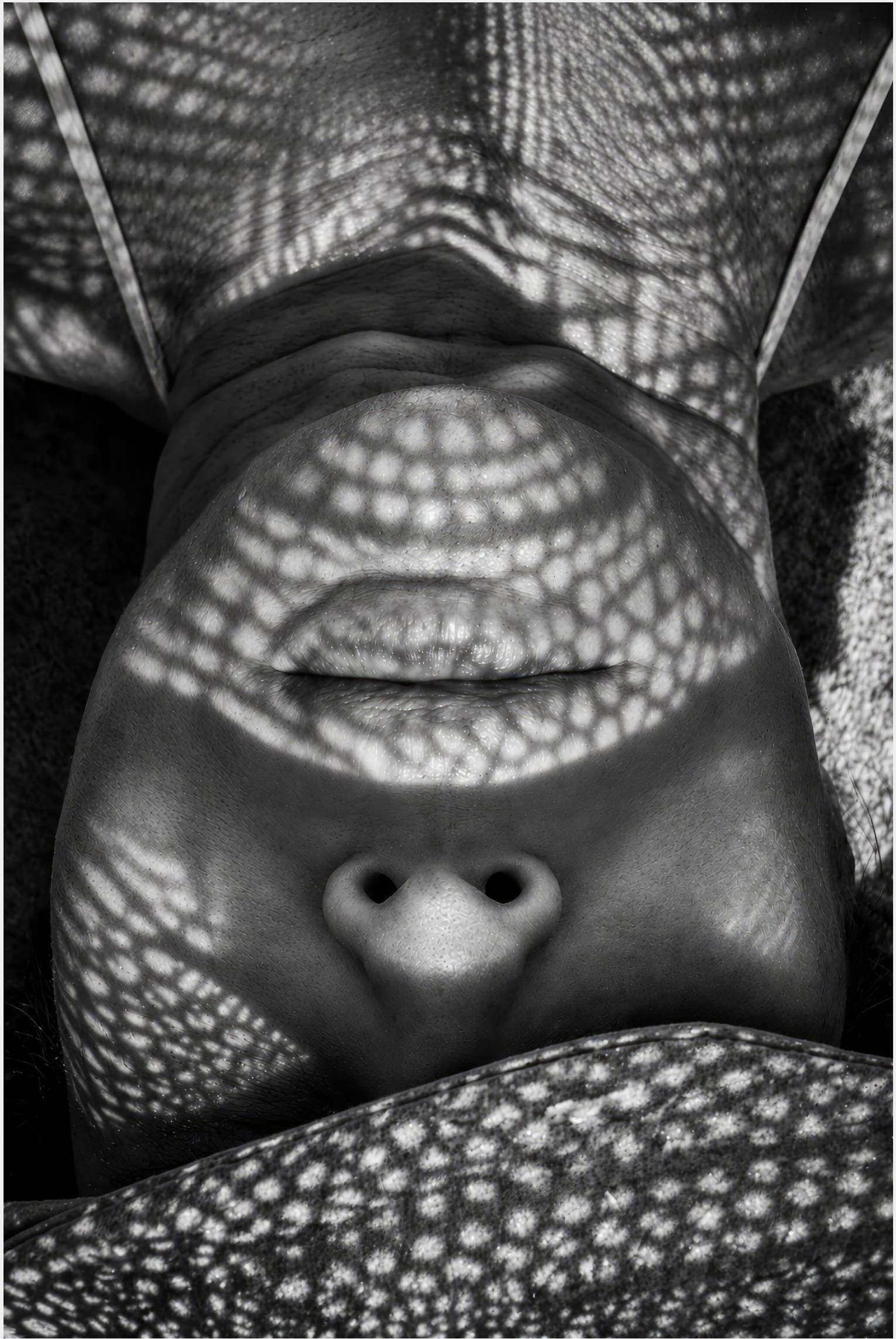
Até chegar aqui.
Um autorretrato ao sol.

Sem esconder o rosto — mas ainda atravessado por sombras.
Porque tirar as máscaras não significa me mostrar por inteira.
Significa aceitar que ainda existem partes que não se revelam,
que a luz também cria esconderijos, que a gente não se despe de tudo de uma vez.

A pele aparece.
As marcas aparecem.
Mas a sombra permanece — não como disfarce, e sim como parte.

Olhando a imagem, percebo:
não era sobre me expor, era sobre me permitir existir assim
— entre luz e sombra, entre o que já reconheço e o que ainda estou aprendendo a ver.
E talvez isso diga mais sobre mim do que qualquer nitidez.

Jane Cassol





Casa
Confoto
Fototech

Aprendi a acolher a escuridão que existe em mim.

Essa sombra faz parte da minha história,
do meu silêncio
e das minhas transformações,
assim como a luz,
que um dia pareceu distante,
hoje reconheço como parte de mim.

Joceliene Chies



Fragmentos de Transformação

Este autorretrato nasceu da vontade de representar a transformação como um processo contínuo, feito de partes, memórias e diferentes versões de mim mesma. A imagem foi construída a partir da fragmentação do meu rosto em múltiplos planos, como se cada pedaço revelasse uma fase, uma experiência ou um olhar distinto sobre a própria identidade.

A escolha da luz da vela teve um papel essencial no processo criativo. Sua chama simboliza renovação, esperança e autoconhecimento. Em meio à escuridão, a luz ilumina apenas parte da cena, sugerindo que a transformação acontece aos poucos e que nem tudo se revela de uma só vez.

Os fragmentos sobrepostos criam uma sensação de movimento e reconstrução, remetendo à ideia de que estou em constante mudança. Nada permanece igual: pensamentos, sentimentos e experiências se reorganizam, formando novas percepções sobre quem somos.

Mais do que um simples retrato, esta imagem propõe uma reflexão sobre a nossa capacidade de se reinventar. Entre sombras e luz, entre partes que se rompem e se unem novamente, surge uma nova imagem, não como algo acabado, mas como a representação de uma identidade em permanente transformação.

Josiane Chocho



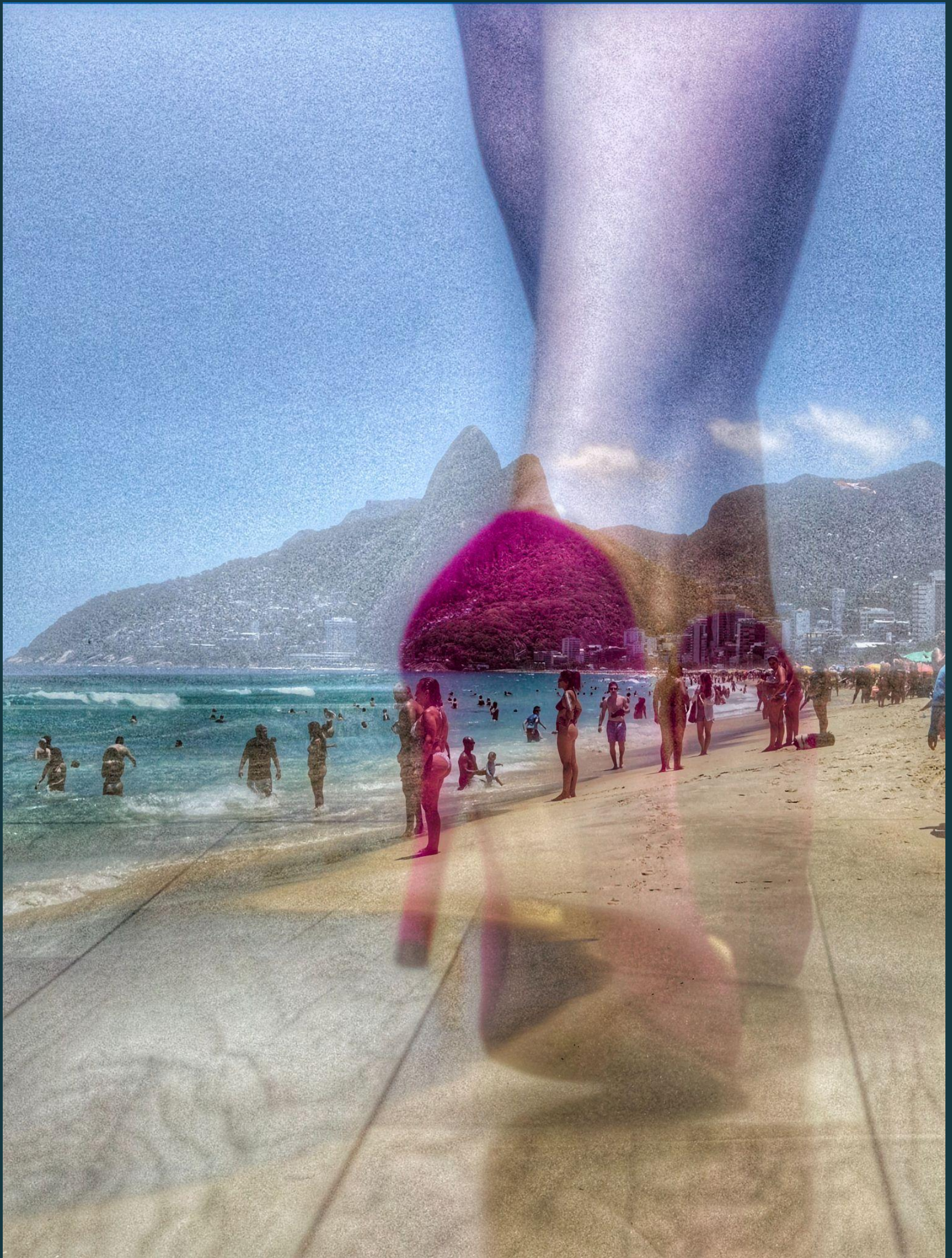


Casa
Confoto
Fototech

Caminho entre dois mundos: o da cidade que pulsa à beira mar e as lembranças que permanecem silenciosas.

Meus passos parecem dissolver-se na areia, enquanto o horizonte do Rio se mistura ao contorno do corpo.

Karine Costa



A experiência de criar meu autorretrato para esta mostra foi muito além do registro visual. Foi um desafio. Foram muitas tentativas, ensaios e erros, para expressar um pouco da minha intimidade.

Precisei me libertar do medo e da vergonha.

Tive de olhar para dentro e buscar, entre minhas sombras e luzes, entre minhas dores antigas e atuais, aquela expressão que comunica, através de uma imagem, o meu sentimento de ser quem eu sou: um constante recomeçar.

Kathy Esposito



Fetichê? Não

Criar um autorretrato foi um grande desafio. O que revelar de mim? Um rosto uma expressão, um sentimento, o presente ou o passado? Aos poucos compreendi que minha imagem não precisava mostrar meu rosto para falar sobre quem sou.

A escolha recaiu sobre meus sapatos de dança.

Mais do que objetos, eles representam uma fase de felicidade, marcada por amizades, encontros, viagens e pelo tango, que ajudou a preencher o vazio do ninho que se esvaziava.

Durante o processo criativo, muitas “margarets” surgiram, despertando lembranças e emoções.

Fotografar tornou-se um exercício de autoconhecimento e participar desta exposição, ao lado de tantas mulheres, ampliou meu olhar sobre a fotografia e sobre mim mesma.

Mais do que um suposto fetichê feminino, esses sapatos contam parte da minha história. Hoje, cercam meus pés descalços como lembranças de um tempo vivido intensamente. Os saltos já não me pertencem, mas a mulher que eles ajudaram a construir permanece.

Margaret Abreu



O envelhecimento nos coloca em lugar de invisibilidade, a sociedade não nos reserva atenção.

Então, foi numa praia no litoral do RGS, numa manhã deserta e fria, que resolvi me colocar visível para o vento.

Gostei da experiência de me revelar para mim mesma, através do vento, forte muito forte.

Fiz muitas poses...e o vento se encarregou de trazer a imagem que aqui está.

Maria Alice Gravina





Casa
Confoto
Fototech

Sou tantas, tenho dentro de mim,
a criança, a adolescente,
a mulher, a velha ,
o passado, o presente, o futuro? Como saber?

A imagem que vejo de mim em um
autorretrato é uma tentativa de
reconhecimento próprio,
de unificação de tantas partes de mim mesma.

Maria Helena Guaragni





Casa
Confoto
Fototech

Há um instante,
depois da arrebentação,
em que o barulho cessa.

A água retorna ao mar,
levando o que não pode permanecer.
A mulher, atrás da cortina, não se esconde:
ela se reencontra.

Aprendeu a olhar,
sem desviar os olhos,
para esse mar vivo e indomável!!!

Maria Sallet Domingues





Casa
Confoto
Fototech

"O SILÊNCIO,
QUANDO GRITA,
É ENSURDECEDOR.

Maristela Padilha



Fazer um autorretrato foi um desafio muito grande para alguém, como eu, que não gosta de ser fotografada, que não gosta de se destacar da multidão.

Preparei-me fazendo uma escova no cabelo, para aparecer melhor, arrumei um fundo no meu quarto, um banquinho, e posicionei a câmera no tripé, com o celular como disparador. E as fotos saíram, numa sessão de caras e bocas, e poses variadas, de mais ou menos duas horas.

E o desafio foi vencido!

Marlene Silva





Casa
Confoto
Fototech

Autorretrato é olhar para mim mesma
e sentir que o tempo passou,
e que meus desejos de vida bela,
foram diluindo o que era externo,
ficando somente a *essência*,
que mesmo não tendo a mesma visão desejada,
ficou com sentido maior do que é visto externamente.

Nina Pulita





Casa
Confoto
Fototech

Todo dia um dia!
Ora introvertida,
ora louca,
ora brincalhona.
Ora eu passado,
ora presente.
Em construção.
Mulher ou criança,
um pouco de cada uma
para todo dia ser mais inteira.

Silvia Pozza





Casa
Confoto
Fototech

O tempo...

O que é o tempo?

Passado, nas coisas que deixou?

Futuro, nas coisas que ainda estão por vir?

Que bom poder apenas desfrutar
deste tempo presente!

Sonia Rovinski





Casa
Confoto
Fototech

"[...]somos demasiadamente
parecidos a nós mesmos, e o perigo
é justamente que acabemos
parecidos a nós mesmos."
(Vila-Matas, 2023, p.12)

Tatiana Capaverde





Casa
Confoto
Fototech

Autorretrato, um processo

A tela em branco

O silêncio

Minhas referências

Minhas transparências

Meus pedaços

Meus eus

Eu múltipla

Ex silentio

Me encontro em três

E aí somos nós três

Virginia Guimaraens



Não parto do zero.

Entro no novo levando comigo
o conhecimento, o repertório
e tudo o que a experiência me ensinou.
Mas não deixo que isso encerre
a possibilidade de aprender,
descobrir
e me aventurar.

Esta fotografia não registra uma chegada.
Registra o ato de seguir.
Sou eu, com tudo o que vivi,
que continuo indo.

A mulher que aprendeu a seguir
e fez da transformação
uma forma de permanecer inteira.
Escolho a fotografia
porque ela não termina
na minha intenção.

Ela segue
quando encontra o olhar da curadoria
e, depois,
o olhar de quem visita a exposição.

Cada encontro com a fotografia,
pode revelar uma passagem diferente:
coragem, silêncio, recomeço, deslocamento,
força ou desejo de futuro.

O que esta foto expande em você?

Viviane Monteavaro





Casa
Confoto
Fototech

É através do Autorretrato que
sentimentos de euforia se revelam
em mim e encontro na natureza a
parceria ideal, para a composição
desta cena fotográfica, no
momento exato.

Zulaine Santos





Casa
Confoto
Fototech

Organização



Realização e patrocínio



oppo

Apoio



